

Santo André, August 9, 1989

Dear Craig,

Last weekend we were "invited" to a special meeting at the Campo cemetery, for TV GLOBO had scheduled some newswork on the subject. We were informed the material will be used on the programme GLOBO REPORTER, that usually is shown on Fridays, and this one will focus on the several groups of immigrants the country shelters. Although the notice was on surprise, maybe fifty or sixty of us were able to make our way out, and a very ~~agreed~~ good meeting resulted.

I happened to speak to our current President, Eliana Minchin Vaughn, mentioning your letter and our pleasant phone conversation, and she was very interested in securing a connection with the SONS OF ~~E~~ THE ~~EMERSE~~ CONFEDERACY. She also asked me to ~~pursue~~ pursue a direct contact with anyone interested in helping promote extensive information on the existence of our Fraternity, here or abroad.

Judith McNight Jones offered to send me some addresses in the U.S. of people in some way acquainted with the Fraternity, and it's history. As soon they arrive, I will arrange to send them up to Mr. Charles Burgess, in Guatemala. Eliana Vaughn assured me the present Directorship is trying hard to organize the Youth Group in the Fraternity, aiming at an eventual exchange programme.

So this is it, and if this letter reaches you in time, be sure and watch TV GLOBO.

Best regards,

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, stylized initial 'D' followed by a few loops and a long tail stroke extending downwards and to the right.

PARA ABRIR DESTAQUE A SERRILHA



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS
VINCLADA AO MINISTERIO DAS COMUNICACOES

AEROGRAMA NACIONAL



USO EXCLUSIVO EM TERRITORIO NACIONAL

NAO INCLUA NADA NO SEU INTERIOR

Eliana Minchin Vaughn

Av. Marcelo Pedrone, 591

CIDADE

Sumaré

SP

ESTADO

1 3 1 7 0

CEP

DOBRAR AQUI

REMETENTE:

D. C. DE MUZIO

R. Caminho do Pilar n° 2385

09190 Santo André - SP.

ENDEREÇO:

Brazil

CEP

Empty CEP boxes

CIDADE:

ESTADO

Quando os sulistas dos Estados Unidos emigraram para o Brasil (1867 em diante) para se estabelecerem num país em que pudessem continuar suas tradições, trouxeram, como parte de sua bagagem cultural, suas canções. Durante muito tempo os fundadores da "Lizz'eland (Terra de Lizzie), "El Dorado" V'a Americana, enfim, os representantes da chamada "raça de Santa Barbara" tentaram tenazmente preservar o que haviam trazido consigo. Suas festas e reuniões, que gradualmente se tornaram u'a mistura de elementos do velho e do novo ambiente, quase sempre revelavam saudade (aquela mesma saudade que os brasileiros acham que lhes é privativa, como lhes é a palavra) saudade que eles expressavam por meio de suas canções que, por sua vez, aumentavam ainda mais o sentido de apego à terra distante.

Seus filhos e descendentes não raro experimentavam sentimentos identicos aqueles que Miss Sophie Grady manifestou quando, numa entrevista, disse ao autor: "Quando vejo films (americanos) e ouço as canções antigas, sinto-me como se estivesse nos Estados Unidos, lugar em que nunca estive".

As velhas canções eram, na sua maioria, os conhecidos hinos dos pretos americanos e as baladas baseadas no folclore antebellum do sul, como as que Mrs. Eszenie Smith Becker (a viúva do último revdo. Becker) anotou a lápis a margem dum jornal, eram as que sua mãe e os da velha geração cantavam:

"The Songs Elizy Used to Sing"

Now there was one they called "Ben Bolt" that as she sung the air,
All clouds would break till you could see but far skies everywhere,
'Wait for the Wagon' held a charm you never catch today,
An' Thy Remembered Name' — well, that can never die away.
It seemed to me that Heaven's gates might open whith a swing
To them old songs, the sweet old songs Elizy used to sing.

There's many a year gone by since then, and back in memory's blue
Most things is too much dimmed an' blurred to stand out clear to view;
Yet in the night when all is still an' not a sou' is near,
A voice of old, dead moonlit times I somehow seem to hear,
Then wonder, if, in Paradise to where her sou' took wing,
They still are sung — the dear old songs Elizy used to sing.

("As Canções Que Elizie Cantava")

Havia uma que chamava 'Ben Bolt' de que quando ela cantava a melodia,
Todas as nuvens se abriam para deixar à mostra, por toda parte, apenas
[o lindo firmamento.

"Espere o Vagão" tinha um encanto que hoje não se encontra mais,
E "Teu Nome Lembrado" — bem, esta nunca será esquecida.
Parecia-me que as portas do céu poderiam abrir-se de chofre
Para eiz, as velhas canções, as doces velhas canções que Elizie cantava.

Muitos anos se passaram desde então, e na penumbra da memória,
A maioria das coisas estão por demais apagada, e confusas para se as ver
[com clareza;

Mesmo assim, à noite, quando tudo está quieto e não há viv'alma perto,
Parece-me ouvir, de alguma forma, uma voz dos velhos tempos mortos,
[trazida pela luz da lua.

Então fito, a pensar se no Paraíso, onde a sua alma agora tem asas,
Ainda se cantam as caras e velhas canções que Elizie cantava).

No mesmo artigo, escrito por Will T. Hale, "Tennessean's Recollection of Half a Century" em que Mrs. Becker escreveu suas observações, anotou também com particular interesse, as canções que surgiram em consequência da Guerra Civil, apresentando uma série delas favoráveis ao exército sulista e nas quais ou ele é vitorioso ou, pelo menos, mais valente, conforme se pode ver em:

I lay ten dollars down
And count them one by one.
That every time we have a fight
The Yankees they will run.

(Aposto dez dollars
E conto um por um
Que toda vez que entrarmos em luta
Os ianques vão fugir).

Mas havia a reviravolta da sorte e a situação se invertia:

As canções que

My captian went a scouting
An' took my brother Jim;
He went to ketch the Yankees
But the Yankees they ketchéd him.

(Meu capitão foi dar uma batida
E levou meu irmão Jim;
Foi dar caça aos ianques;
Mas os ianques é que o prenderam).

O fato do contingente alemão ser grande no exército nortista e, ao que se diz, haver a proporção de cinco deles para um sulista, motivou a seguinte quadrinha:

You Yanks will never get across
The Chickahominee.
For you'uns fights mix Siegel
And we'uns follow Lee

(Vocês ianques nunca cruzarão
O Chickahominee (um rio ponto importante durante
[a guerra

Porque vocês lutam com o Siegel
E nós seguimos o Lee).

O que o compositor ou a voz popular ignoravam ou se negavam a reconhecer, era que numerosos alemães lutavam também a seu lado. Depois da guerra, muitos deles juntamente com outros sulistas, deixaram o sul e vieram estabelecer-se em varios pontos da América do Sul. Muitos de seus descendentes se encontram ainda no Brasil.

Hoje é raro ouvir-se qualquer destas canções nos Estados Unidos, mas há muitos descendentes de americanos no Brasil que se não as cantam mais, ainda as lembram, como lembram os hinos ianques abolicionistas, dentre os quais o "John Brown's Body".

Uma paródia que ainda é cantada aqui e que foi gravada no Brasil, talvez expresse melhor um dos slogans favoritos dos soldados sulistas:

Yankee Doodle all for shame
You are always into mérdling
Let guns alone they are dangerous things
You had better stick to peddling.

(Yankee Doodle para sua vergonha
Você vive sempre mexendo,
Deixe as armas em paz porque elas são perigosas.
Faria melhor se fosse mascatear).

A melodia, como era de esperar-se, é a mesma do "Yankee Doodle" cantada na América na Revolução de 1776, e a quadrinha, foi escrita em 1861-5 como fito de identificar o soldado sulista como o corajoso abridor de fronteiras e representar o nortista como incapaz de lutar com bravura e com capacidade apenas para mascatear. Existiam provas, porém, de que tanto os corajosos abridores de fronteiras, como os mascates, lutaram de ambos os lados na Guerra Civil. Também na seguinte paródia se vê a atitude dos sulistas tentando demonstrar que o padrão da vida no norte era inferior ao sul:

Yankee Doodle had a mind
To fight the Southern Nation
Because they didn't want to live
On codfish and potatoes.

(Yankee Doodle tinha a idéia
De conquistar a Nação sulista
Porque não queria viver
De bacalhau com batatas).



VIDA LITERARIA



Diário de São Paulo

"Lizzie" cantava

Frank GOLDMAN

Há também documentos que evidenciam que se muitos não entraram na luta devido a defeitos físicos, outros deixaram de fazê-lo por disporem de meios para pagar a outrem para lhes tomar o lugar. Referentes a estes, que eram geralmente chamados de "conscripts", há algumas quadrinhas que também foram gravadas no Brasil. A informante, descendente de norte-americanos, disse ter aprendido a cantá-las com os pais quando criança:

Meethings I hear the lady say:
"Conscript you must stay away
You would not go and fight for me
So go away and let me be

Some are deaf and some are blind
While others they would stay behind
You would not go and fight for me
So go away and let me be.

I'd rather lean on an empty sleeve-
O! some brave soldier from the front
Than be the wife of any brute
Who'd stay and send a substitute

And then until revenge is paid
I think I'll die a sweet old maid".

(Parece-me ouvir a senhora dizer:
"De você "conscript", quero distancia
Você não quis lutar por mim.
Portanto, vá-se embora e deixe-me em paz.

Alguns são surdos e outros são cegos,
Enquanto outros não quiseram ir,
Você não quis lutar por mim.
Portanto, vá-se embora e deixe-me em paz.

Eu preferia encostar-me numa manga vazia
De um herói soldado do front
Que ser a esposa de algum brute.
Que fica fora e manda um substituto.

E enquanto não se tiver feito a vingança
Acho que vou morrer solteirona).

Durante o período em que se presumiu que a emigração sulista atingiria à cifra de 50.000 (na realidade, ela nunca excedeu a 10.000,00 dos quais 2.000 vieram para o Brasil), apareceu num jornal de Nova Orleans uma canção que idealizava o Brasil de uma forma bastante pitoresca. Esta canção, familiar à maioria dos historiadores e escritores do assunto, é conhecida por muitos dos descendentes daqueles que vieram para o Brasil, via Nova Orleans:

How sweet all day, ond diamond reefs to lie,
While 'long the wanton waves sweet mermaids hie,
While far above, the Condor bird does sore
Proud breasts his native air,
Sweeping in circles there!

O, give me a ship with sail and with wheel,
And let me be off to happy Brazil!
Home of the sunbeam — great kingdom of heat
With woods evergreen, and snake forty feet!
Land of the diamond — bright nation of pearls,
With monkeys a plenty, and Portuguese girls!

How sweet all night in hammocks to swing,
While grief and woes to the devil we fling!
Up among the leaves of the cocoa,
Unceasingly to go
To and fro, to and fro!

O, give me a ship with sail and with wheel,
And let me be off to happy Brazil!
I long to rest 'neath the broad spreading palm,
To gaze at her rivers so placid and calm —
Pluck her gold fruits so delicious and sweet,
And try a taste of her guanaco meat!

How sweet in death, in dismal swamps to sleep,
While 'bove you, buzzards sad vigils keep,
While o'er your bones slimy reptiles crawl,
Eat devouring all,
Till you in pieces fall!

Oh, give me a ship with sail and with wheel,
And let me be off to happy Brazil!
I yearn to feel her "perpetual spring",
And shake by the hand Don Pedro, her king,
Kneel at his feet — call him "My Royal Boss"!
And receive in return, "Welcome, Old Hoss".

(Quão doce é estar, o dia todo, deitado em recifes diamantes.
[tina]

Enquanto nas ondas livres brincam doces aereias,
Enquanto lá no alto o condor paira
Ativo investe contra o ar nativo,
Descrevendo círculos no espaço!

O dá-me um barco com vela e leme,
E deixa-me partir para o feliz Brasil!
Terra dos raios de sol, grande reino do calor.
Com matas sempre verdes e serpentes de dez metros!
Terra do diamante, próspera nação de pérolas,
Com macacos a valer e jovens portuguesas!

Quão doce é estar, a noite toda, balançando-se na rede,
Enquanto se mandam ao d'abo as dores e as tristezas!
Subir até as folhas dos coqueiros,
Incansavelmente,
Prá lá prá cá, prá lá prá cá!

O, dá-me um barco com vela e leme,
E deixa-me partir para o feliz Brasil!
Desejo tanto descansar debaixo das grandes palmas abertas,
Contemplar seus rios tão rápidos e calmos,
Colher seus frutos de ouro tão deliciosos e doces,
E experimentar um pedaço de carne de guanaco!

Quão doce é dormir, na morte, em pantanos sombrios,
Enquanto em cima de você os urubús montam sua triste
[guarda.

Enquanto por sobre os seus ossos reptis viscosos se arrastam,
Tudo devorando,
Até que a você se desfaça em pedaços!

O, dá-me um barco com vela e leme,
E deixa-me partir para o feliz Brasil!
Quero sentir sua "primavera eterna"
E apertar a mão de D. Pedro seu rei,
Ajoelhado a seus pés, chamá-lo "Meu real chefe!"
E ouvir em resposta, "Bemvindo velho Jequitibá!"

Por quanto tempo ainda estas canções continuarão a existir no Brasil é difícil dizer. Mas uma coisa é certa: dos descendentes de imigrantes americanos que permaneceram no Brasil (muitos deles voltaram), enquanto alguns ainda tentam apegar-se à velha tradição e identificar-se com a "velha pátria", a maioria se transformou em legítimos brasileiros, participando da cultura e das canções de nova terra e esquecendo, paulatinamente, as canções que eram delas a prendê-los à terra distante.

João Domingos, 13-01-1957-3ª Seção - 16 páginas

BIBLIOTECA
"Prof. Dr. Frank Perry Goldman"
Caixa Postal 187 - Cap 13500-970
Tel: (019) 524-2854
Rio Claro - São Paulo - Brasil

SANTA BÁRBARA D'OESTE 22 de Outubro de 1994

A PREFEITURA MUNICIPAL de SANTA BÁRBARA
D'OESTE - SP

VENHO ATRAVÉS DESTA INFORMAR A VOSSA SENHORIA
QUE A PARTIR DA DATA ACIMA, O QUADRO EXPOSTO
NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO RETRATANDO O GENERAL
ROBERT EDWARD LEE, PERTENCE A FRATERNIDADE DES
CENDÊNCIA AMERICANA.

COMO NÃO HÁ CONTRATO ASSINADO SOBRE A EXPOSIÇÃO
DA OBRA NO MUSEU ESPERO QUE ESTA SEJA DEIXA
DA À DISPOSIÇÃO DA FRATERNIDADE.

SEM MAIS

E ATENCIOSAMENTE

ANTONIO LOPES



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D'OESTE
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO
Rua João XXIII, 61 – Centro, Santa Bárbara d'Oeste – SP
Tel: (19) 3455-14960 / 3455-2473



Santa Bárbara d'Oeste, 2 de maio de 2002

Ilma Sra

Noêmia Cullen Pyles

A Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d'Oeste, através da Secretaria de Cultura e Turismo agradece a sua colaboração para a realização da Exposição “Imigrantes Americanos: trabalho e família ” organizada pelo Centro de Memória no Museu da Imigração.

Reconhecemos o seu comprometimento com o resgate da memória desses imigrantes que vieram para o nosso município.

Sem mais, colocamo-nos a sua disposição, renovando agradecimentos e votos de estima e consideração.

Atenciosamente

Prof Alvaro Alves Corrêa

Prefeito Municipal de Santa Bárbara d'Oeste

Teresinha Bianchini Sandin

Secretária Municipal de Santa Bárbara d'Oeste



Consulado Geral dos
Estados Unidos da América

Milton L. Charlton
Consul Geral Adjunto

Rua Padre João Manoel, 933
01411-001 São Paulo - SP

TEL: (11) 3083-2403
FAX: (11) 3088-2479

E-mail: charltonml@state.gov

CHARLTONL@STATE.GOV

- 3083 2403
- 3088 2479

Querida Joana,

Obrigada pelo Boletim.

Meu avô paterno foi um dos fundadores
do Instituto Histórico e Geográfico SP, junto
c/ Rui Barboza que eram grandes
amigos tendo o neto batizado minha
tia Lucila. Estarei se possível no dia 25 de
Outubro no Instituto.

Falou de você na festa de 4 de julho -
seria possível mandar um Boletim
para Milton L. Charlton? Ele me
prometeu que irá conhecê-los.
Eu respondi que cobaria dele.

Meus grandes abraços e saudações

Melú

(11) 223-6190

P.S. Me derigi para
acompanhá-los

CONTRATO PARTICULAR

Que fazem: de um lado FRATERNIDADE DESCENDÊNCIA AMERICANA, entidade legalmente constituída, CGC nº .. 54.016.100/0001-35, sediada no Bairro do Campo, neste município, neste ato representada por sua presidente ELIANA MINCHIN VAUGHAN, brasileira, casada, professora, residente em Sumaré, neste Estado; de outro lado JOSÉ MARTIGNAGO, brasileiro, casado, pedreiro, residente no Bairro Bom Retiro, neste município.

O segundo contratante se obriga a demolir o prédio onde seria o Museu da primeira contratante e fazer a limpeza dos entulhos da referida demolição.

O segundo contratante ficará responsável pelos operários que trabalharão nesta obra, como pagamentos por sua conta e acidentes de trabalho.

O segundo contratante não receberá nenhuma remuneração em dinheiro pela demolição.

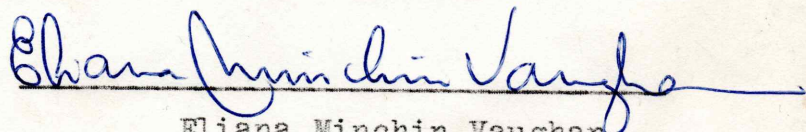
O segundo contratante terá direito a todo o material da demolição do prédio demolido.

O prazo para a demolição será de (30) trinta dias com início nesta data, 25 de agosto de 1988.

Fica eleito o Forum desta Comarca de Santa Bárbara d'Oeste, para dirimir qualquer dúvida ou questão oriunda do presente contrato.

E por estarem de pleno acordo, mandaram datilografar o presente em (2) duas vias de igual teor e forma para um só efeito, assinando-o juntamente com duas testemunhas.

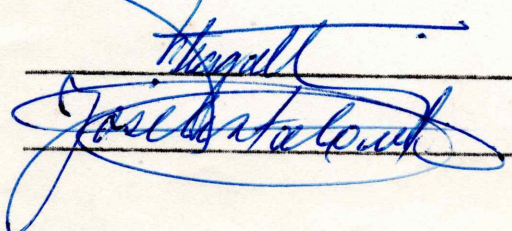
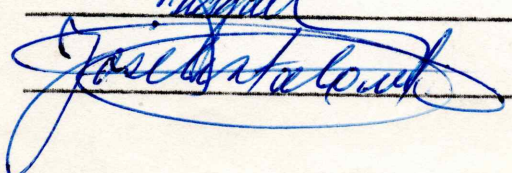
Santa Bárbara d'Oeste, 25 de agosto de 1988.



Eliana Minchin Vaughan
p/ Fraternidade Descendência Americana.


José Martignago

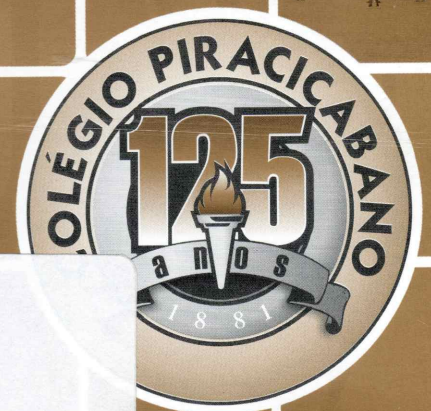
Testemunhas

CONVITE

para as comemorações de aniversário
dos 125 anos do Colégio Piracicabano

NOEMIA CULLEN PYLES
R. TAMOIOS, 566
SANTA BARBARA D'OESTE/SP
13456-020



IMPRESSO

O Diretor Geral do Instituto Educacional Piracicabano e o Diretor do Colégio Piracicabano têm a honra de convidar V.S^a e Ilma. família para os eventos comemorativos dos 125 anos do Colégio Piracicabano, a serem realizados em setembro.

Projeto Arte Cultura I

Homenagem ao pintor Pacheco Ferraz

Exposição "Todos os tempos de Pacheco Ferraz"

De 1 a 18 | 09h00 às 18h00 de segunda à sexta / 09h00 às 12h00 aos sábados

Palestra "Pacheco Ferraz e o impressionismo"

Prof. Dr. Márcio Mariguela

Dia 14 | 19h30

Local: Centro Cultural Martha Watts

Aniversário de 10 anos da Capela do Colégio Piracicabano

Dia 15 | 9h00

Local: Capela

Solenidade Comemorativa dos 125 anos do Colégio Piracicabano e Homenagem da Câmara de Vereadores de Piracicaba

Dia 15 | 19h00

Local: Salão Nobre

Celebração de Ação de Graças pelos 125 anos do Colégio Piracicabano

Dia 16 | 10h00

Local: Salão Nobre

Culto de Ação de Graças pelos 125 anos do Colégio Piracicabano e da Igreja Metodista Central

Dia 17 | 09h00

Local: Catedral Metodista de Piracicaba (Rua Governador Pedro de Toledo, esquina com a D. Pedro I)

Apresentação teatral - "O Segredo do café com biscoit"

Grupo Andaime

Dia 21 | 20h30

Local: Salão Nobre

Projeto Arte Cultura II

Concerto de Primavera

Orquestra Filarmônica de Piracicaba - EMPER

Dia 24 | 10h30

Local: Salão Nobre



Almir de Souza Maia
Diretor Geral

Almir Linhares de Faria
Diretor do Colégio Piracicabano

IMPRESSO



Henrique Overton Burton

A presença de Henrique O. Burton, no Tijuco Preto, na Fartura, e em Piraju, sem dúvida, pode ser considerada como fato histórico que não deve passar despercebido, por ser esse procer um cidadão cuja vida, a partir da sua terra natal, na América do Norte, e até terminar em Botucatu, foi constituída de fatos que compõem a própria história: dos Estados Unidos da América do Norte e do Brasil.

Sua biografia que resolvi reproduzir neste volume foi escrita por João Jacques Ribeiro do Valle, fartureense notável, estudioso da história da terra que escolheu para o seu principal campo de ação e que, em homenagem a Fartura e à sua própria pessoa, tenho a honra de incluir na História escrita de Piraju.

João Jacques Ribeiro do Valle nasceu em Carlópolis, Estado do Paraná, quando esse local ainda se chamava Jaboticabal. Em Fartura fez seus estudos iniciais e os terminou nos centros maiores e tradicionais, como Ribeirão Preto e Botucatu.

Em Fartura foi vereador e presidiu o Legislativo local, destacando-se pela sobriedade de suas atitudes.

João Jacques Ribeiro do Valle é sócio fundador do Instituto Brasileiro de Genealogia e é seu representante na região.

A pessoa de mais destaque na fundação de Fartura, depois de seus fundadores Luiz Ribeiro Salgado e Vicente de Oliveira Trindade e Mello e do doador do patrimônio, Manoel José Vianna, foi o cidadão norte americano Henrique Overton Burton. Foi ele que, embora protestante, esquadrejou a nova igreja da localidade e fez o alinhamento e arruamento do Largo da Matriz e ruas adjacentes.

Essa figura já um tanto lendária na história do desbravamento do Oeste Paulista, participara da Guerra de Secessão Americana ao lado dos Confederados, emigrando para o Brasil com numerosos de seus compatriotas sulistas. Era meheiro da Fazenda Mirante da Serra e forneceu trabalhadores para o início da construção. Muito trabalhador, era um abnegado e de cultura superior à dos habitantes do local. Entendia de tudo um pouco e vivia a dar conselhos aos amigos, sobre todo e qualquer assunto.

Em 3 de maio de 1880, João José Pereira, proprietário da Fazenda Mirante da Serra, fez um contrato de parceria agrícola com Henrique Burton, para tratar de 500.000 cafeeiros, pelo prazo de quatro anos, conforme escritura descoberta pelo sr. Constantino

Leman, no Cartório de Paz de Piraju.

Foi também proprietário de uma parte de terras na Fazenda Pinheirinho, adquirida de Antonio Francisco do Prado e, posteriormente, vendida a Antonio Ribeiro da Fonseca. Construiu uma casa de morada na nova povoação, na atual Rua Barão do Rio Branco, esquina da Rua Angelo Pinheiro. É o mesmo prédio onde se encontra atualmente o "Fartura Hotel", depois de várias reformas. Em 15 de setembro, de 1887, vendeu essa mesma casa a Manoel José Vianna.

Homem de grande atividade, em 1887, comprou de Manoel José Vianna uma parte de terras na Fazenda Boqueirão dos Três Saltos. Em 25 de março de 1889, adquiriu de João da Silva Leite vinte e seis alqueires de terras na Fazenda Veado, por 780\$000 (setecentos e oitenta mil réis) e em 17 de agosto de 1890, comprou de Manoel João de Oliveira dez alqueires na mesma Fazenda Veado, por 500\$000. Essas três compras compreendiam terras anexas e ele iniciou nelas a formação de um cafezal.

Logo depois, em 23 de julho de 1891, vendeu esse sítio, denominado "Descanso dos Arrabaldes", com quinze mil cafeeiros de um e dois anos,

por dez contos de réis, a Henrique José de Godoy.

Naquêles tempos, os estrangeiros votavam e participavam ativamente da vida das comunas. Henrique Burton, por exemplo, recebeu seu título de eleitor em Fartura no dia 6 de setembro de 1890. Encontramos em um livro de atas da Câmara de Fartura a seguinte anotação que transcrevemos literalmente:

“Indico que esta Intendencia mande orçar a ponte que segue para o Itararé desta Villa, para ser indenizado o sr. Henrique O. Burton, visto este cidadão ter feito dita ponte a sua custa, e elle retirando-se da servidão della, entendo que devemos indenisar ao dito senhor, pois que este cidadão tem feito relevantes serviços a esta localidade. Sala das Sessões, 15-6-1891, (a.) - Cunha - Presidente (Aprovada, quando houver fundos)”.

Entre 1891 e 1892, mudou-se para Piraju, onde vamos encontra-lo como vereador, (1) em 20 de setembro de 1892. Em Piraju, possuía uma casa na cidade e uma chácara nos arrabaldes, onde construiu uma casa de estilo sulista americano. Em 1º de dezembro de 1893, resignou ao seu cargo de vereador em Piraju, declarando que ia voltar para sua Pátria, mas não voltou, como veremos adiante.

Quem era Henrique Burton? Como veio parar nêstes sertões? Há muitos anos que isso nos intrigava, mas finalmente conseguimos resolver êsse problema. No livro “Soldado Descansa”, editado em 1967, de autoria de D. Judith Macknight Jones, é descrita a his-

tória dos veteranos americanos sulistas que, depois de vencidos na guerra civil de 1861/1865, emigraram para o Brasil. Para São Paulo vieram duas levas, uma para Iguape e outra para Santa Barbara do Oeste, no local onde existe hoje a cidade de Americana, que foi por eles fundada.

Em 1866, veio dos Estados Unidos para Iguape, Henrique Overton Burton, natural de Cuthbert, na Georgia. Era veterano da Guerra Civil, solteiro e tinha apenas vinte e um anos.

Com a dissolução da colônia de Iguape, Henrique Burton mudou-se para Santa Barbara, onde se casou com sua compatriota D. Elisabeth Pyles, natural da Georgia, filha do pastor metodista Samuel Milton Pyles. Depois de residir algum tempo em Santa Barbara, mudou-se para Botucatu, onde se dedicou à cultura do fumo, para fabricação de charutos. O preço dos charutos feitos em Capivari caiu muito e a plantação de fumo foi abandonada. Em seguida, mudou-se para Piraju, onde nós o encontramos, como foi descrito.

De Piraju, êle voltou novamente para Botucatu, onde exerceu a profissão de agrimensor, e veio a falecer em 26 de maio de 1899. Não tendo filhos, D. Elisabeth voltou para Santa Barbara, onde foi residir com seus pais e, em 1915, ainda vivia.

D. Elisabeth era conhecida na intimidade por Lizzie, mas adotou, o nome brasileiro de Elisa.

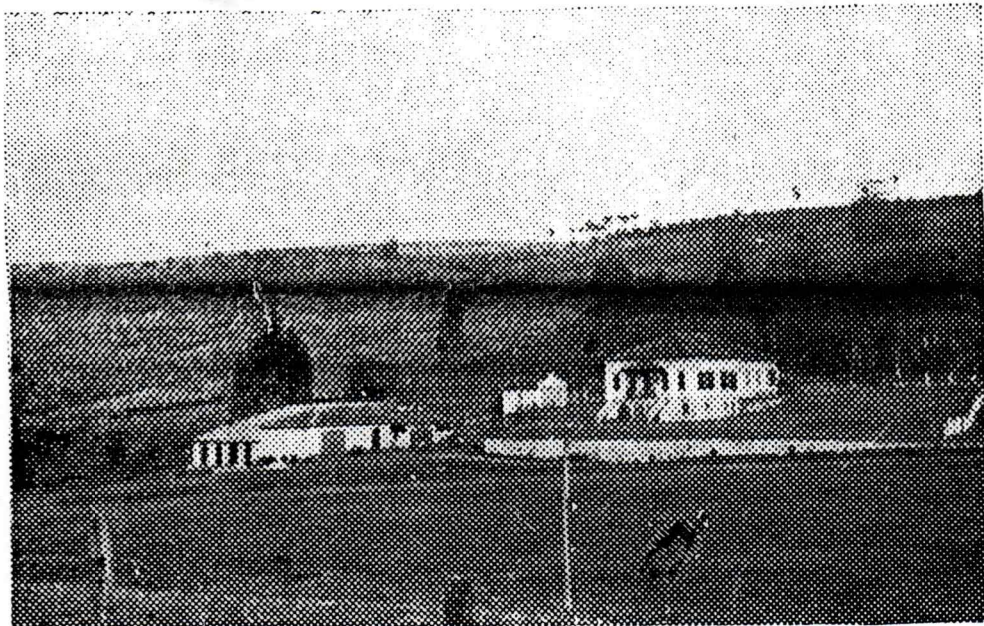
Vimos no Cartório de Paz de Fartura, um termo de casamento, em 4 de outubro de 1890, em que o casal foi testemunha, o seguinte: (sic): “Henrique O. Burton, com quarenta e cinco annos de idade, Lavrador, residente nêste distrito. Elisa P. Burton”.

Em seu túmulo, em Botucatu, encontra-se uma lápide em que se lê:

IN MEMORY OF
HENRY O. BURTON
BORN 16 th October. 1845 AT
CUTHBERT - Georgia - U. S. A.
Died 26 th MAY 1899 (2).

(1) - Piraju, Ontem e Hoje, de Constantino Leman.

(2) - Major Burton, o Confederado (Artigo no “O ESTADO DE SÃO PAULO”, de 28/5/1969)



BAIRRO BURTON

Henrique Burton deixou em Piraju uma casa. Quase um monumento.

Deve datar-se da época da sua construção também o começo da olaria, ali pertinho, quase em frente. A casa é enorme, mas muitas reformas já passaram por ela, e a última, principalmente, quase nada deixou da residência do "confederado" americano.

Interessante é que Henrique Overton Burton, deve ter residido em Piraju pouco tempo, provavelmente apenas enquanto era vereador, ou seja um período de 1 ano e 2 meses, no entanto construiu uma casa de morada como se fôsse uma daquelas mansões norte-americanas que a gente se habituou

a ver em filmes.

O bairro, até hoje, denominam de "Bairro Burton", apesar de que a rua que da cidade conduz até a casa recebeu posteriormente o nome de José Joaquim Ferreira, sucessor de Burton na propriedade, como também o próprio bairro, na sua parte pendente para a "várzea", ficou sendo o "Bairro Ferreira".

Até uns anos atrás, não posso precisar a época exata, o caminho que vinha de Fartura e de Sarutaiá, entrava em Piraju ali pela frente da casa de Henrique Burton, e nas proximidades, na rua 13 de Maio, estava a maioria dos "hoteis" daqueles tempos.

Judith, I thought maybe you would like to see this I light bug Valentine



Mensageiro

IGREJA METODISTA CENTRAL
DE PIRACICABA

Rua D. Pedro I, 938

FONES: 34-9655 e 22-3890

CEP 13400 - C.P. 265

PASTOR: Rev. Vicente Aparecido Borges

MENSAGEM PASTORAL

08 de setembro de 1985

Igreja Metodista de Piracicaba

Para ser contada a história da fundação da Igreja Metodista de Piracicaba, a 11 de setembro de 1881, há necessidade de retroceder-se três lustros, isto é, ao tempo quando o Exército Confederado depôs as armas na Guerra da Secessão desencadeada nos Estados Unidos da América do Norte. Pressionados os bravos confederados pela facção vitoriosa, experimentavam por toda parte entreveros fragorosos com os federalistas. Sentia cada sulista despedaçar-se a paz e a própria tranquilidade; a par do vandalismo, via-se odiosa e sangrenta discriminação racial entre irmãos. Enlutados todos os lares, enxutas as duras lágrimas, decidiram alguns líderes daqueles heróis imigrar para a América do Sul. Escolheram o Brasil, porque perdurava entre este a grande nação do Norte, antiga e amistosa amizade.

A 5 de agosto de 1867, o Rev. Junios Easthan Newman, Capelão Confederado, ostentando o posto de Capitão, portava ao Rio de Janeiro, autorizado a exercer a sua nobre e devotada missão junto aos seus patrícios. Instalou-se na capital do Império, aí trabalhando por quase dois anos quando as circunstâncias aconselharam a mudança para a colônia não oficial de americanos onde achavam-se metodistas, batistas, presbiterianos, congregacionais, localizada nas proximidades de Piracicaba, então chamada Constituição, ou, mais exatamente, na então ensipiente freguesia de Santa Bárbara, local chamado Bom Retiro.

Nesse bucólico e piedoso recanto, viviam todos num fraternal e ecumênica harmonia consoante os Evangelhos, cuidando cada denominação de organizar a sua congregação mediante franco e mútuo auxílio.

A 17 de agosto de 1871, o Rev. Newman organizou a primeira Igreja Metodista no Brasil, numa fria manhã do terceiro domingo daquele mês, arrolando quatro casais: o seu, o de Alfred Iversen Smith, o de Richard Carlton e o de Thomaz Dixon Smith e mais a filha deste casal Leonora D. Smith.

Desde logo o Rev. Newman enxergou a necessidade de estender aos brasileiros os benefícios das Boas Novas. Fazendo desse fato o seu alvo, iniciou cerrada campanha através de cartas à Junta de Missões da Igreja Mãe, instando pelo envio de Missionários para a obra.

Somente cinco anos depois, exatamente a 16-02-1876, numa quarta-feira, recebia o Rev. Newman, em sua casa, no seu sítio denominado Saltinho, a poucas jardas de "Bom Retiro", a figura imponente do Rev. John James Ranson, contando-lhe do sucesso dos seus rogos. E ali estava ele, para, com o Rev. Newman, traçar os rumos do grande Trabalho Metodista que havia de ser iniciado.

Nesse mesmo dia, exatamente há cem anos, o Rev. Ranson, em extensa e incisiva carta ao secretário daquela Junta, informava-o ser Piracicaba, nas redondezas, um dos únicos lugares sem ocupação de trabalho evangélico, pois todas as cidades do interior da Província contavam em seu meio com Missionários da Igreja Presbiteriana.

Mencionou o Rev. Ranson, com detalhes, o entusiasmo do Rev. Newman para com a grande obra, a par da possibilidade da fundação de um colégio, estimulado por um advogado piracicabano. Sem dúvida alguma tratava-se do inolvidável Prudente de Moraes.

Acertadas as bases para atingir o objetivo, continuaram ambos a pedir mais missionários. Os dois homens de Deus entendiam-se muito bem, nascendo profunda amizade entre ambos, tanto que o Rev. Ranson desposou no Natal de 1879, a segunda filha do Rev. Newman, miss Annie



Newman, cuja união durou pouco, pois em meados de 1880 ela faleceu, sendo sepultada no Cemitério da Ponta do Caju, no Rio de Janeiro.

Antes de findar o ano de 1880, o Rev. John James Ranson, ainda sob a emoção pelo falecimento da jovem esposa, retirou-se para a terra natal para descansar e refazer-se de energias perdidas.

Altos e insondáveis, no entanto, são os designios de Deus. Talvez a chamada à Celeste Morada de Mrs. Annie estivesse ligada à providencial e forçada viagem do Rev. Ranson à sua Pátria, onde pronunciaria inúmeras palestras despertando o interesse da Igreja Mãe no sentido de enviar novos Obreiros ao Brasil.

De fato, surgiram os efeitos desejados pelas orações e pela insistência à Junta de Missões. A 26 de março de 1881, retornara ao Brasil o Rev. Ranson, embarcando em Nova York, via Inglaterra, trazendo em sua companhia o Rev. William Koger, a esposa deste, Miss Frances Smith Koger, com o primogênito William contando apenas um ano; o Rev. John Lilbourne Kennedy e a notável Missionária Miss Martha Hitt Watts, chegando o pequeno grupo a Piracicaba a 19 de maio de 1881, numa quinta-feira. No domingo foram todos ao Bom Retiro visitar o Rev. Newman, e dar-lhe a notícia da validade dos apelos feitos.

Nesse dia realizou-se a primeira Conferência Trimensal, como eram chamados os Concílios paroquiais, aliás o primeiro em território brasileiro.

Animado, pondo no coração todo o desejo ardoroso de iniciar o trabalho missionário em Piracicaba, o Rev. Koger passou a estudar o português, pregando em inglês aos estrangeiros residentes na cidade.

A 11 de setembro de 1881, primeiro domingo do mês, organizou o Rev. Koger a Igreja Metodista de Piracicaba, na casa alugada à Rua do Rosário, esquina da rua São José, arrolando como obreiros, os fundadores, a própria esposa, e cinco (1) obreiros recebidos por certidão de qualidade da Igreja de Santa Bárbara: William Godfrey, Thomaz Dixon Smith e esposa Elisabeth Carlton Kidd Smith, Laura Dixon Smith, filha deste casal, e Miss Martha H. Watts. Organizara esta, na mesma ocasião, a primeira Escola Dominical, tendo fundado, a treze do mesmo mês, o notável Colégio Piracicabano, hoje transformado na Universidade Metodista.

Três meses depois a nova Igreja hospedava, com alegria duas sessões da Conferência Trimensal, as primeiras na história da Igreja local, quando foram escolhidos para ecônomos William Godfrey e Thomaz D. Smith.

Floresceu a Igreja Metodista de Piracicaba sob o pastorado do Rev. Koger, que teve, contudo, de se retirar para São Paulo, obediente à decisão da Conferência no dia de finados de 1883, com a finalidade de tratar do início do trabalho metodista na capital da Província.

Por três meses respondeu pela Igreja local interinamente o Rev. Ranson, substituído pelo Rev. Kennedy por igual período, isto é, até 1.º de abril quando retornou o Rev. Koger, ficando este até a véspera de sua morte prematura a 28 de janeiro de 1886, bem moço.

O passamento do Rev. Koger foi um grande choque para os irmãos na fé, não só pela sua espiritualidade mas, também, por tratar-se de homem de profundo amor cristão, orando com humildade com os seus paroquianos e com todos do seu campo em Capivari, Indaiatuba, Itaiçi e bairros limítrofes. Chorava a família Metodista, choravam-no também, e com sinceras lágrimas, a laboriosa colônia americana de Santa Bárbara.

No antigo templo metodista da rua Boa Morte, os seus paroquianos, entre lágrimas de saudade colocaram uma pedra memorial: "A memória do Rev. James Koger - primeiro pastor da Igreja Methodista de Piracicaba - nascido em 1852 em Carolina do Norte - Estados Unidos - falecido a 28 de janeiro de 1885 em São Paulo". Ele militou a boa milícia da fé e lançou mão da vida eterna." I Tim. 6:12.

Jair Toledo Veiga
Historiador do Metodismo Piracicabano

A Igreja em Marcha

Dia do Ofertório - Hoje, segundo domingo do mês, toda a igreja está convidada a mais uma vez expressar a sua consagração a Deus através de seu dizimo ou sua oferta.

Chave de ouro - A Sociedade Metodista de Mulheres abriu com "chave de ouro" as comemorações dos 104 anos. Foram trabalhos maravilhosos realizados no sábado e domingo, com a participação do casal de pastores, Revda. Railda M.B. Azevedo e José A. Azevedo e do coral feminino Marshlea Dawsey, sob a regência da profa. Vera Quintanilha Cantoni.

Coral Metodista de Campinas - O coro da Igreja Metodista Central de Campinas, sob a regência do Dr. Wesley Jorge Freire, estará conosco nesta noite, participando das comemorações do aniversário. Convidemos muitas pessoas para estar em nosso templo nesta noite.



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO
Fundado em 1º de novembro de 1894

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo tem o prazer de convidar V. Excia. e Exma. Família para a sessão cultural: "Contribuição das escolas protestantes americanas para o ensino público de São Paulo".

*Homenagem a Judith MacKnight Jones
Historiadora da Imigração Americana, membro do IHGSP
Maria Elisa B. Byington*

Palestrantes:

*Profª. Dra. Maria Lucia S. Hilsdorf
Depto. de Filosofia da Educação da USP*

*Prof. Dr. David Gueiros Vieira
Depto. de História da Universidade de Brasília*

*Prof. Roberto Machado Carvalho
Secretário de Cultura e Turismo de Itú
ex-Presidente do IHGSP*

*Participação Especial
Maestro Samuel Kerr
Alunos do Instituto de Arte da UNESP*

*Nelly Martins Ferreira Candeias
Presidente*

*25 de Outubro, sábado, 16 horas
Rua Benjamin Constant 158, 1º andar
Fone: (11) 3242-8064
São Paulo, SP*

Fraternidade

pl May

Museu da Imigração
Praça 9 de julho s/n - Centro
Fone (019) 455 5082

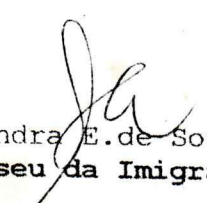
No dia 1 de fevereiro de 1999, foram transferidos os objetos relacionados em anexo que estavam sobre guarda da Fundação Romi para o Cemitério do Campo.

Os objetos mencionados foram doados ao Museu da Imigração por descendentes americanos e por falta de espaço na Reserva Técnica foram transferidos para a Fundação Romi que foi responsável pela guarda dos objetos até o presente dia.

A transferência foi feita pelo camião e pela perua da Prefeitura Municipal de Santa Bárbara que levaram parte do acervo para a Capela do Cemitério do Campo e outra parte para o Museu da Imigração.

Estavam presentes no dia da transferência os responsáveis pelo Museu da Imigração, Fundação Romi e Fraternidade de Descendência Americana: **Sandra Edilene de Souza e Nilsa Alves** (Museu da Imigração) **Antônio Carlos Angolini** (Arquivo Histórico Fundação Romi) **Nanci Padovese** (Fraternidade de Descendência Americana).

Santa Bárbara d'Oeste, 30 de 12 de 1999.


Sandra E. de Souza
Museu da Imigração

Antonio C. Angolini
Arq. Fund. Romi

Nanci Padovese
Frat. Desc. Americana

Santa Bárbara d'Oeste 1 de fevereiro de 1999.

A partir da presente data os objetos abaixo relacionados que foram doados ao Museu da Imigração estão sobre guarda da Fraternidade de Descendência Americana que ficará responsável pela conservação dos mesmos.

T- 0020 (Cemitério do Campo)

Escrivaninha de laboratório dentário, Brasil. Chácara Jones Americana, c.de 1900, madeira e zinco - alt. 83 cm, comp. 1,50 m, prof. 60 cm. Móvel de consultório odontológico, usada para guardar instrumentos.

Proprietário - John Colvin Mac-knight comprado no comércio.

T- 0016 (Cemitério do Campo)

Cristaleira, Brasil-Americana Chácara Jones, Americana, 1940, madeira e vidro, alt. 1,40 m, comp. 1,50 m, prof. 38 cm, .

Usada para guardar cristais. Comprado no comércio local de época.

Doação Judith M. Jones.

T- 0019 (Cemitério do Campo)

Baú E.U.A, Chácara Jones - Americana c. de 1880, madeira alt. 43 cm, comp. 70 cm, prof. 34 cm.

Usado para guardar roupas e outros pertences.

T- 0009 (Cemitério do Campo)

Cadeira de criança. Fazenda Palmeiras Sta. Bárbara d' Oeste , alt. 82 cm, alt. assento 56 cm, assento 47x39 cm.

Proprietário Adoniran Judson Pyles.

T- 00167 (Cemitério do Campo)

Tábua de Esfregar roupa. Brasil, Chácara Jones-Americana, c. de 1870, madeira comp. 60 cm, larg. 20 cm. Utensílio doméstico usado para esfregar roupa dentro da Tina.

Proprietário Família Thomas.

Sem Tombo - Vitrine grande s/n.º. (Cemitério do Campo)

Sem tombo - Gramofone - E.U.A . (Cemitério do Campo)

T- 00023 (Cemitério do Campo)

Espelho do lavatório, Brasil comércio local da época para fazenda Palmeiras, Chácara Jones-Americana, 1895 madeira e espelho, oval 51x43 cm. Proprietário Adorian Judson Pylles.

T- 00063 (Cemitério do Campo)

Bordado Brasil Chácara Jones-Americana, c de 1930 linha e tela comp. 27 cm, larg. 34 cm atividade feminina decoração.

Proprietária Pettie Norris.

Confecção Pettie Norris.

- T- 00190** (Cemitério do Campo)
Lousa, E.U.A, Chácara Jones-Americana,
Alt. 27 cm, comp. 38 cm.
Usado para gravar mensagem de um soldado.
Proprietário John Wesley Weissinger, doação Lockic Weissinger.
- T- 0076** (Cemitério do Campo)

Fotografia - Chácara Jones-Americana, papel foto de Bell Thacher Baird.
- T- 00772** (Cemitério do Campo)

Fotografia - Chácara Jones-Americana,
Papel, foto de Maxie Quillen.
- T- 00061**(Cemitério do Campo)

Bordado, Brasil, Chácara Jones-Americana, c. de 1930, linha e tela,
comp. 17 cm, larg. 22cm.
Atividade feminina decoração.
Proprietária Pettie Norris.
Confecção Pettie Norris.
- T- 00059**(Cemitério do Campo)

Bordado, Brasil, Chácara Jones-Americana,
c de 1930, linha e tela, comp. 17 cm, larg. 25cm.
Atividade feminina decoração.
Proprietária Pettie Norris.
Confecção Pettie Norris.
- T- 03669** (Cemitério do Campo)
Trole com gaveta em baixo do assento. Santa Bárbara d'Oeste.
Cemitério do Campo c . de 1900.
Proprietário Luiz Green , Lee ferguson.
- T- 01441** (Cemitério do Campo)
Fotografia, Sumaré (fotógrafo Nickelsen Comp.) moldura, foto de 4
gerações da família Fenley.
Doação : Eliana M. Vaughan.
- T- 01442**(Cemitério do Campo)
Fotografia, Sumaré c. de 1930, quadro, foto de Patrick Henry
Scorlock.
Doação : Eliana M. Vaughan.
- T- 01440**(Cemitério do Campo)
Fotografia, Alabama E.U.A..
Santa Bárbara d'Oeste, Moldura, foto de uma casa dos
confederados em Montgomery no Alabama.
Proprietária: Judith Mac Jones.
- T- 001270**(Cemitério do Campo)
Fotografia em quadro em forma oval. Sra. Mac Fadden Gaston

T- 03785 (Cemitério do Campo)

Dollars Confederado, S.B.O, 17/02 1864,100 dollars.
Doação: Geoge Terrell.

T- 03027(Cemitério do Campo)

Recorte papel-Álbum : Scrap bock. Chácara Jones-Americana.
Doação: Judith M. Jones.

T- 3422(Cemitério do Campo)

Máquina de escrever

T 2128

Arado

T-2127

Arado

T-3727

Telefone(caixa)

Objetos sem tombo

Bico de arado

chapéu

Quadros emoldurados



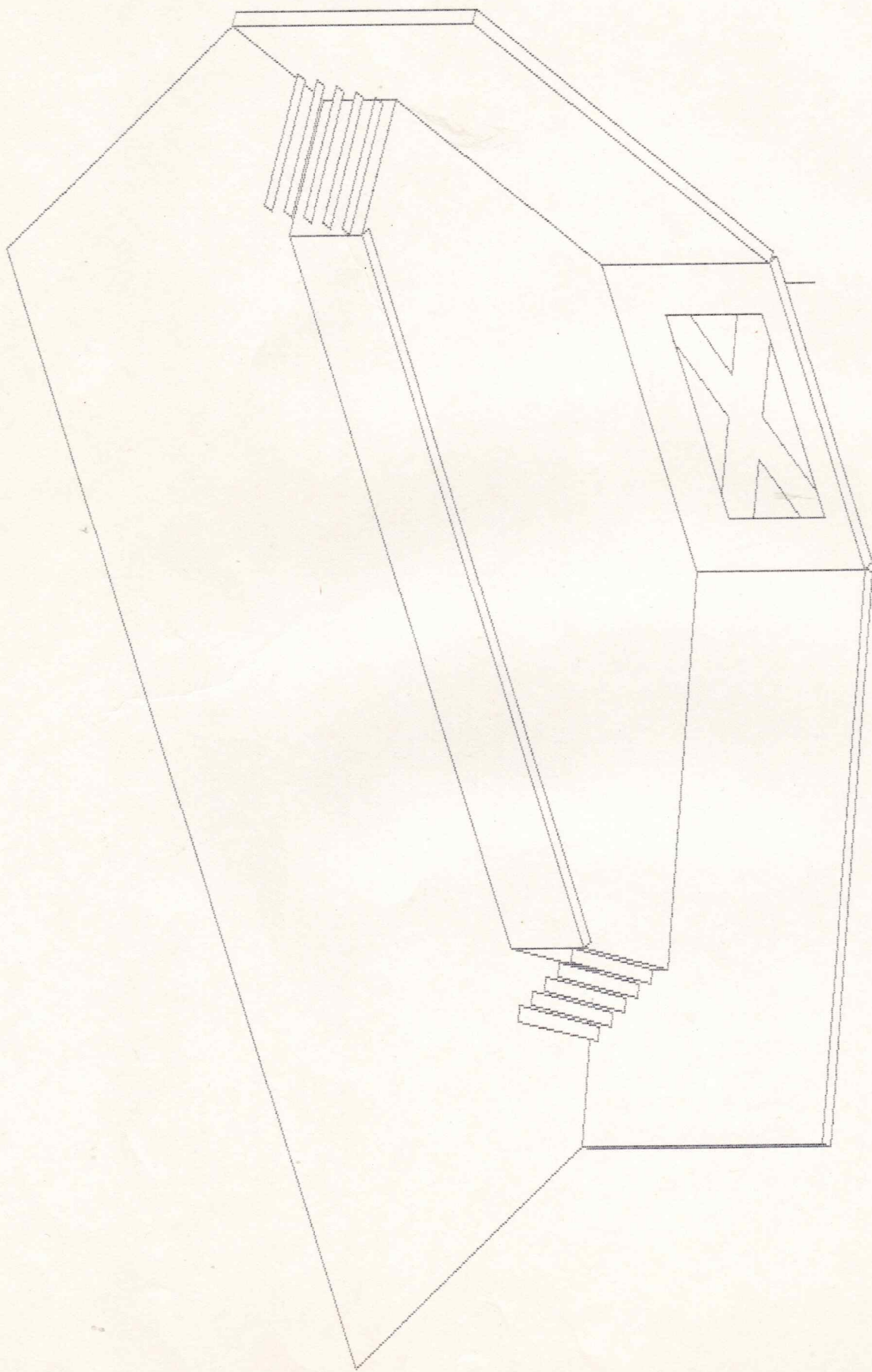
" OS IMIGRANTES NORTE-AMERICANOS NO BRASIL "

(Profa. Dra. Ana Maria Costa de Oliveira)

Colônia	Data de estabelec.	Líderes	Nº de colonos	Estado procedente	Embarcação
Santarém (Província do Pará)	1867/68	Mj. W.L. Hastings	109/200	Alabama, Tennessee	"Red Gauntlet" "South America"
Jupiaçu - Vale do Rio Unce (Província do Espírito Santo)	1867	Col. Charles C. Gunther	400/200	Alabama	Harmion
Cidade do Rio de Janeiro e arredores	1867		200		
"Lizieland" - Vale do Ribeira (Província de São Paulo)	1867	Rev. Ballard Dunn	150	Louisiana	
Proximidades da Vila de Xirizica - Vale do Ribeira (Província de São Paulo)	1867	Gaston	7	Texas	"Derby" "North America"
Juiz de Fora - Vale do Rio Unce (Província de São Paulo)	1866/67	Mj. F. MacMullen e William Bower		Texas	"North America"
Santa Bárbara/Americana (Província de São Paulo)	1865 1867	Dr. Hugh Shaw; Mj. Robert Merrifield Col. William Norris e Robert Norris	800	Alabama e outros	"Tartar" "Harmion" etc
País do Paranaíba (Província do Paraná)	1866	Col. M. S. Swain; H. Lane	400	Louisiana Missouri	
Rio das Velhas (Província de Minas Gerais)	1867		100		
Província da Bahia	1867		100		
Província de Pernambuco	1867		70		

Note-se que a maior concentração das colônias se deu no sul do Império, destacando-se entre elas a de Santa Bárbara doeste na Província de São Paulo, a qual reuniu maior número de imigrantes. Apesar do movimento ter-se iniciado em 1865, foi 1867 o ano de maior afluência dos norte-americanos, provenientes especialmente dos estados sulistas próximos ao Golfo do México. O transporte, que na maior parte das vezes era feito em embarcações fretadas, não dispensava a utilização de vapores regulares, como o "South America", entre os dois países.

in COSTA, Ana Maria S.,
"O Destino (não) Manifesto: a imigração de norte-americanos no Brasil",
tese de doutorado, F.F.L.C.H., Universidade de São Paulo, 1987.



Eliane

**PREFEITURA MUNICIPAL
DE SANTA BÁRBARA D'OESTE**

**Departamentos de Educação,
Cultura, Esportes e Turismo**

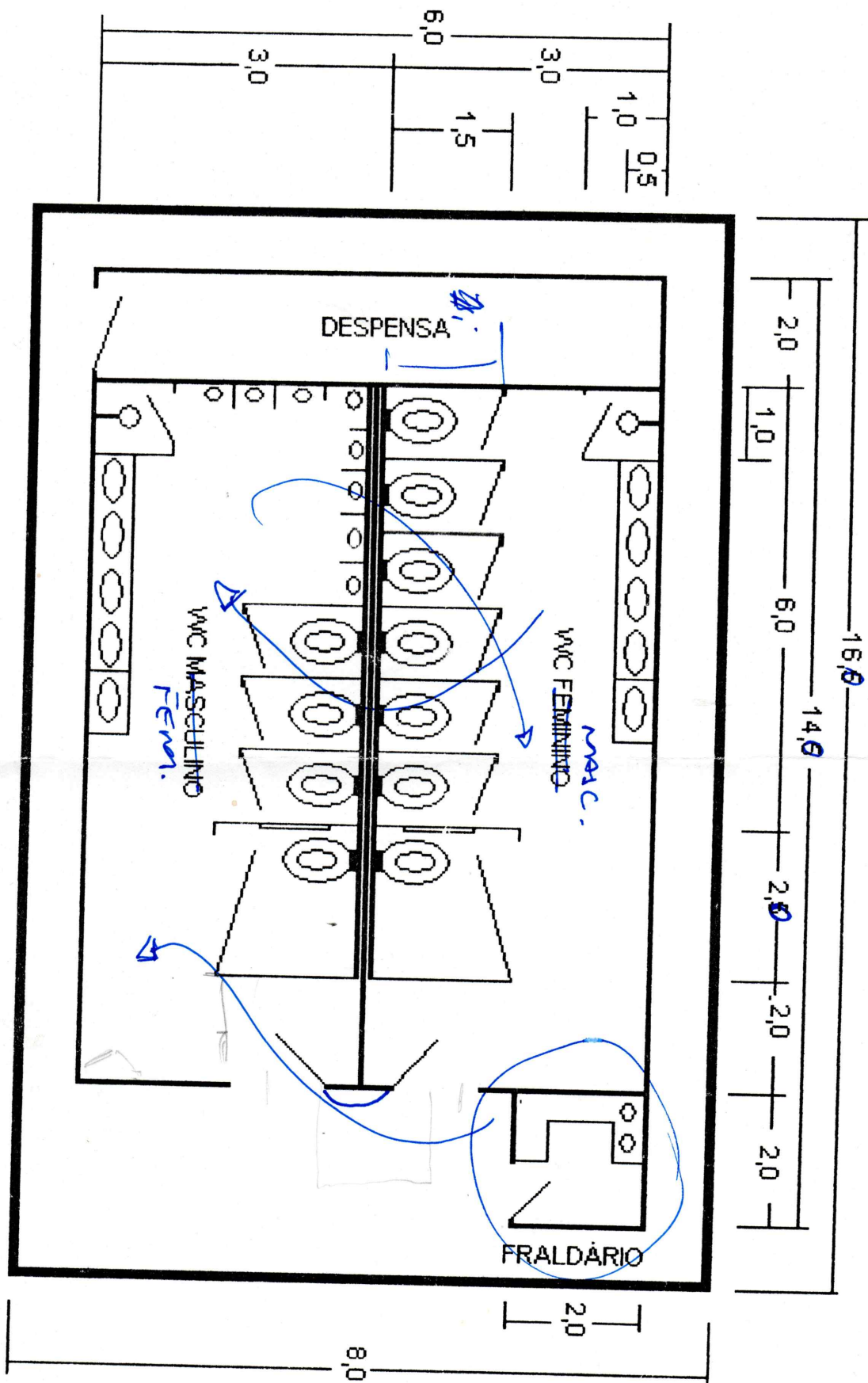


CASA DOS PYLES - Construção de 1.900 - Sede da Fazenda Rochelle

PROGRAMAÇÃO

MARÇO - 1987

PROJETO DE BANHEIRO APROVADO EM 16 DE JANEIRO DE 2007

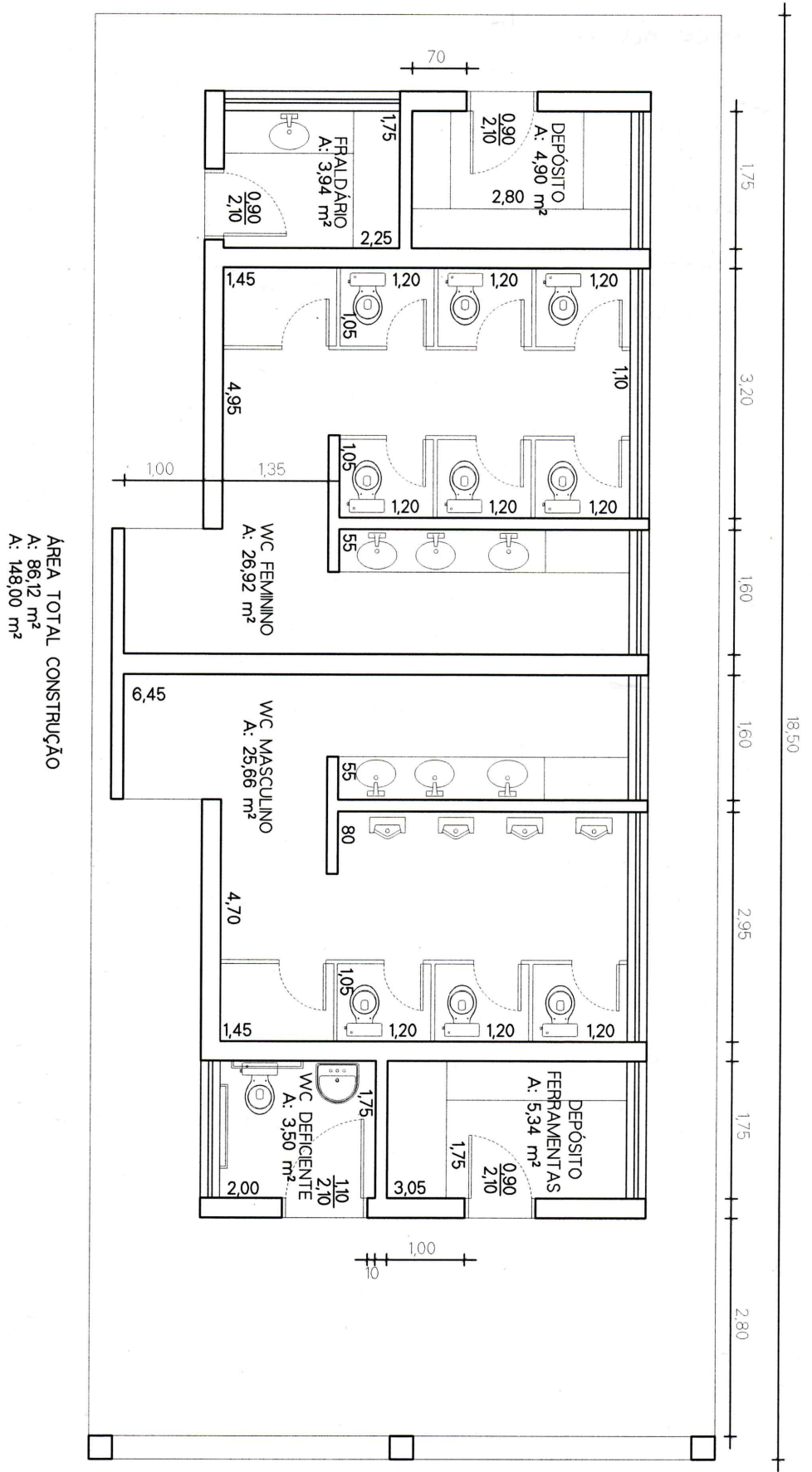


delita

- 9736.0759
- 3455.0469

3462 8283

Omario - 3455 3961
 Reginaldo (pedreiro & May)





DEPUTADO
ROBERTO ENGLER

D.O.E.; Sêç. I, São Paulo, 104 (58); sábado, 26 mar. 1994

LEI Nº 8.661, DE 25 DE MARÇO DE 1994

(Projeto de lei nº 734/93,
do deputado Roberto Engler)

*Inclui evento no Calendário Turístico
do Estado*

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º — Fica incluída no Calendário Turístico do Estado a "Festa Confederada Brasil-Estados Unidos, realizada anualmente, em Santa Bárbara D'Oeste.

Artigo 2º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 25 de março de 1994

LUIZ ANTONIO FLEURY FILHO

Fausto Eduardo Pinho Camunha

Secretário de Esportes e Turismo

Renato Martins Costa

Secretário do Governo

Publicada na Assessoria Técnico-Legislativa, aos 25 de
março de 1994.

Relatório sobre a demolição do barracão que seria o Museu da Fraternidade.

A diretoria da Fraternidade, deu-me a incumbência de demolir o barracão, a alguns meses atrás. e a primeira providência foi estudar a maneira mais econômica para esse fim; Depois de consultar diversas pessoas do ramo de estruturas e pedreiros, a conclusão foi que seria mais econômico, oferecer todo o material para quem efetuasse a demolição e fizesse a limpeza dos entulhos, o que a diretoria aprovou.

Encontramos muita dificuldade para encontrar quem executasse a demolição pelos seguintes motivos:

1º. As paredes estavam com muitas rachaduras e fora de prumo.

2º. Na parte superior das paredes, no respaldo tinham vigas muito picadas de concreto.

3º. A estrutura estava presa com concreto nas vigas e isso tornava-se muito perigoso para quem fosse quebrá-las, porque o operário teria que trabalhar sobre as mesmas, com marreta para poder tirá-las sem entortar ou quebrar.

4º. Grande parte dos tijolos seriam quebrados pois estavam assentados com cimento o que ocasionava muita perda e aumento de entulhos.

5º. As paredes tinham que ser escoradas ou amarradas para dar segurança aos operários.

6º. a dificuldade para transportar os operários.

7º. Os entulhos tinham que ser removidos com máquinas e tornava-se caro.

Finalmente após muita insistência de minha parte o sr. José Martigano, concordou em fazer a demolição, de acordo com o contrato feito entre a Fraternidade e ele.

A demolição demorou aproximadamente 20 dias e trabalharam na mesma dois pedreiros e no final das semanas e findo, mais alguns elementos.

Gracias a Deus a demolição foi concluída sem nenhum acidente
S. Bárbara d'Este, 08 de Outubro de 1988
Emiller